

LAGARES, XOÁN CARLOS. *QUAL POLÍTICA LINGUÍSTICA? DESAFIOS GLÓTOPOLÍTICOS CONTEMPORÂNEOS. SÃO PAULO: PARÁBOLA, 2018.*

CARLOS ALBERTO FARACO*

O Professor Xoán Carlos Lagares é um galego-brasileiro. Talvez hoje, depois de décadas vivendo e trabalhando no Brasil, já seja mais brasileiro do que galego. Tem uma sólida formação filológica obtida na Universidade da Coruña (Galiza) onde fez sua graduação e mestrado em Filologia Hispânica Galego Português e se doutorou em Linguística no Âmbito Galego Português. Seus interesses acadêmicos abarcam também a história social e cultural da língua e a política linguística. É professor da Universidade Federal Fluminense, em Niterói, onde atua como docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, na linha de pesquisa de História, Política e Contato Linguístico.

Xoán Carlos Lagares tem sido uma importante referência nos estudos galegos no Brasil. Bastaria lembrar aqui o projeto de pesquisa que coordena – “Galego e português brasileiro: história, variação e mudança” – que reúne pesquisadores de três universidades brasileiras (Universidade Federal Fluminense, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade de São Paulo) e da Universidade de Santiago de Compostela.

Somam-se a essa direção de pesquisa seus trabalhos sobre política linguística. Nestes confluem suas reflexões acadêmicas com seu envolvimento como ativista (crítico) da causa galeguista – envolvimento que se manifesta já na grafia de seu próprio nome. Registrado, ainda no período da ditadura franquista (em que era proibido dar a uma criança um nome galego), como *Juan Carlos*, mudou em 1990, como relata na Apresentação de seu livro, para *Xoán Carlos*, uma grafia que funciona como um emblema de seus compromissos políticos.

Neste livro que acaba de publicar pela Parábola, se entrecruzam, com bastante vigor, seu rigoroso olhar acadêmico com sua vivência de ativista político. O livro é uma primeira grande súpula de suas reflexões e experiências nesta candente área de investigação que cobre a política linguística.

Conforme lemos na Apresentação, o livro tem dois objetivos: primeiro, apresentar de maneira ordenada as principais linhas de interesse, orientações

* Universidade Federal do Paraná (UFPR), Curitiba, PR, Brasil. carlosfaraco62@gmail.com

teóricas, fundamentos e conceitos da política linguística como área de pesquisa dentro dos estudos linguísticos; e, segundo, elaborar uma reflexão sobre os principais desafios impostos à relação entre linguagem e política nos tempos atuais. Em outros termos, um objetivo teórico e outro aplicado a temas nossos contemporâneos.

Para realizar esse segundo objetivo, Lagares assume a perspectiva da glotopolítica (que será devidamente detalhada no capítulo um) e uma atitude interrogativa que percorrerá todo o livro com o intuito de instigar novas reflexões – atitude que se manifesta já na pergunta que serve de título ao livro (*Qual política linguística?*).

Essa pergunta não só interroga a área de estudos (o que se deve entender por pesquisa em política linguística), mas também as ações ou intervenções políticas na realidade da linguagem. Nesse sentido, adotar o olhar da glotopolítica implica reconhecer a dimensão ética e política da pesquisa e, ao mesmo tempo, ter claras as implicações ideológicas das opções teóricas e metodológicas do pesquisador e os efeitos sociais de suas propostas.

Numa primeira avaliação, é preciso dizer que o livro do Professor Xoán Carlos Lagares é um sólido e substancial trabalho, o que torna bastante difícil a tarefa do resenhador. A obra tem um amplo espectro temático, incluindo a discussão crítica de várias propostas teóricas; uma grande abrangência empírica (são inúmeros os casos analisados em cada um dos capítulos) e um forte envolvimento com a apresentação e discussão de várias polêmicas político-linguísticas da atualidade.

O trabalho – escrito em estilo claro, elegante e fluente – é de grande valia para estudantes de pós-graduação e pesquisadores da área de política linguística, mas também para todos – acadêmicos ou não – que se interessam por questões que envolvem linguagem e política.

O livro está dividido em cinco capítulos. O primeiro – *Glotopolítica: reflexão/ação* – revisita criticamente diversos momentos, autores e universos conceituais relacionados com questões de política e linguagem. Expõe em detalhes a perspectiva glotopolítica, partindo do texto fundacional de Guespin & Marcellesi (1986) e chegando ao momento atual em que a glotopolítica tem ganhado forte impulso ao ser utilizada no âmbito dos estudos hispânicos. O capítulo se encerra, como anunciado na Apresentação, com uma pergunta (“Qual política linguística?”). É o momento em que Lagares faz uma exposição da perspectiva teórica que orienta suas reflexões, tendo como referência o que ele chama de desafios glotopolíticos, ou seja, questões fundamentais para o domínio de pesquisa da política linguística tais como as formas como o poder e a autoridade linguística se constituem; as formas de luta contra a dominação linguística; o questionamento da língua como entidade discreta; a quebra das fronteiras conceituais entre o linguístico e o social; os efeitos glotopolíticos de qualquer mudança política ou social.

O capítulo dois – *Língua, Estado, Mercado* – se inicia com uma detalhada discussão do processo de invenção da língua nacional e temas correlatos como a invenção do monolinguismo (e a conseqüente exclusão das línguas e variedades “ilegítimas”) e os processos de criação de um laço estreito entre Estado, Identidade Nacional e Língua. O capítulo avança com a abordagem do *status* das línguas

e suas diferentes funções sociais no contexto do multilinguismo que caracteriza praticamente todos os Estados no mundo contemporâneo. Inclui-se aqui a questão da oficialização de uma ou mais línguas com base nos princípios da personalidade e da territorialidade e se analisam várias situações entre as quais a das diferentes línguas faladas no Brasil. Na sequência, explora-se, com farta exemplificação, o tema do ensino bilíngue em suas muitas formas. O capítulo desenvolve também uma discussão das políticas de expansão do mercado linguístico, tendo como referência, tanto os impactos glotopolíticos do colonialismo e o papel da língua dos colonizadores nos Estados africanos e asiáticos pós-coloniais, como os diferentes *status* das línguas no sistema linguístico mundial e as políticas de difusão linguística. O capítulo termina com a pergunta: “Há espaço para o multilinguismo no mundo globalizado?”. O autor explora aqui as consequências glotopolíticas da construção de um mercado global supranacional.

O capítulo três – *Minorias linguísticas* – tem como tema as línguas minorizadas. Partindo da desigualdade social entre línguas ou variedades, o autor desenvolve uma ampla discussão crítica de conceitos como bilinguismo, diglossia e conflito linguístico. Explora, de novo amparado no estudo de vários casos, as formas de repressão linguística. E escrutina documentos como a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos e, em especial, a Carta Europeia das Línguas Regionais e Minoritárias. O capítulo termina com a pergunta: “De que depende a sobrevivência das comunidades linguísticas em situação minoritária?”. Em suas reflexões a esse propósito, Lagares mostra que, embora não haja receitas universais, nem soluções ideais aplicáveis em todos os casos para os conflitos linguísticos provocados pela minorização, há alguns princípios básicos que podem orientar o debate glotopolítico com vistas a garantir a sustentabilidade de uma língua minorizada em seu contexto social concreto.

No capítulo quatro – *Dinâmicas normativas* –, Xoán Carlos Lagares discute os complexos processos envolvidos na fixação de uma norma prescritiva. Põe em questão, como já fez em outros textos (mas, desta vez, com mais detalhes), a dicotomia clássica da linguística entre prescrição e descrição. Na sequência, discute as políticas padronizadoras e dinâmicas normativas, dando atenção especial à ortografia, à gramática e ao dicionário. O capítulo avança com a análise do processo de identificação de norma e língua e os limites da comunidade linguística, explorando situações relacionadas ao espanhol e ao português. O capítulo termina com a pergunta: “Outra noção de norma-padrão é possível?”, que orienta uma retomada do tema da norma-padrão e uma reflexão sobre a condição de possibilidade de uma flexibilização normativa conforme tem sido proposta por linguistas brasileiros. Essa reflexão lhe permite explicitar uma posição firme a favor de uma intervenção qualificada dos linguistas (baseada em seus saberes de especialistas) nos debates sociais sobre a língua.

O capítulo cinco – *Linguagem, ideologia e ativismo linguístico* – se estrutura a partir do enunciado “A linguagem é campo de luta”, asserção que, de certa forma, atravessa o livro como um todo. Aqui Lagares analisa extensamente as “ideologias linguísticas” e dá atenção ao ativismo linguístico, tomando como referência a atualíssima polêmica acerca da linguagem inclusiva ou linguagem não

sexista. O capítulo termina com a pergunta: “Afinal, quem mexe na(s) língua(s)?”, que explora as novas formas de intervenção sobre a linguagem, empreendidas por diversos agentes. E conclui o capítulo e o livro, dizendo (p. 234):

“Para a pesquisa glotopolítica, a identificação dos agentes de intervenção sobre a linguagem, situados em diversos planos da vida social e a análise dos sistemas ideológicos implicados em suas ações são um desafio fundamental. A reflexão sobre nosso próprio papel como pesquisadores na realidade que pretendemos entender e o engajamento democrático que implica defender a participação de todo mundo em condições de igualdade, no debate glotopolítico, serão sempre o nosso maior desafio”.

Como se pode ver, o/a leitor/a encontra neste livro uma apresentação quase enciclopédica da área de estudos da política linguística; transita por uma diversidade considerável de situações empíricas; é exposto/a a um amplo programa de investigação glotopolítica; e se sente desafiado/a a se posicionar nas atuais polêmicas político-linguísticas num ambiente radicalmente democrático. Não é pouco numa realidade social tão conturbada politicamente.